

O COMUNISMO DA ATENÇÃO

Fábio Malini¹

Gostaria de agradecer ao Beppo pelo convite. Também de dizer que estou matando um pouco da saudade dos colegas do coletivo Universidade Nômade, mais particularmente ainda, da turma da Revista Global.

Queria dizer que hoje trago algumas contribuições da relação entre sociedade, trabalho e empresa no âmbito da economia colaborativa entre iguais, o que se convencionou a denominar de *economia peer-to-peer (p2p)*, que seria um terceiro *modo de produção* alicerçado por cinco infra-estruturas:

- a primeira é o acesso ao capital fixo, particularmente, aos computadores.
- a segunda é a disponibilização de sistemas públicos de publicação da informação e de comunicação, que possibilite ao usuário participar hospedando todo tipo de conteúdo, conectando-os a outros conteúdos, a sujeitos e a acontecimento. São os dispositivos de *webcasting*.
- A terceira é a existência de um sistema de software destinado à cooperação autônoma. É o caso de software de redes sociais, como os blogs e os wikis.
- O quarto é a existência de uma infra-estrutura legal. Aqui destaca-se a lógica do *copyleft*.
- O quinto, e último, o requisito social, o que significa a aceleração do *general intellect* na sociedade contemporânea.

Essas então seria a estrutura que possibilita a emergência do economia política p2p, como destaca Michel Bauwens².

A genealogia da colaboração na rede

Como vocês sabem, o termo *peer to peer* foi originalmente cunhado quando surgiu o site *Napster*, que disponibilizava “uma plataforma para que numerosos usuários compartilhassem e copiassem livremente músicas gravadas, nos chamados arquivos de mp3”³. A grande inovação do *Napster* era o que os teóricos da ciência da computação chamavam de “centralizar os nós e descentralizar os conteúdos”, ou seja, endereçamento feito por uma autoridade central (um poderoso banco de dados de IP) ao mesmo tempo que o conteúdo ficava nas margens - nos computadores dos usuários.

Na época, o sistema de troca de arquivos (*file sharing*) foi uma febre na Internet mundial. Em pouco tempo, o *Napster* se transformou na maior comunidade mundial de intercâmbio

1 Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Jornalista, Mestre em Ciência da Informação (IBICT-CNPq/ECO-UFRJ), Doutor em Comunicação e Cultura, UFRJ.

2 Bauwens, Michel. A economia política da produção entre pares. Disponível na internet: http://www.p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_da_Produ%C3%A7%C3%A3o_entre_Pares, URL recuperada em 03/12/2006

3 Negri, Antonio; Hardt, Michael. *Multidão*. São Paulo: Record, 2005, p.235

musicais porque facilitava a busca, oferecia uma interface simples, permitia a comunicação entre os usuários através de mensagens instantâneas e salas de chat. O Napster inaugurava a fase em que os conteúdos (no caso o mp3) deixaria de funcionar como propriedade de um proprietário privado para se tornarem comuns a todos. Contudo, logo o Napster deixou de funcionar, acusado de estimular práticas de pirataria virtual. Mas, ao brevar o desenvolvimento da colaboração p2p, as grandes corporações acabaram estimulando que os usuários instalassem em seu PC's versões muito mais refinadas de programas de troca de arquivo (gnutella, emule, etc) e construíssem sites colaborativos, que construíssem, portanto, as suas próprias mídias. O capital vivia assim o dilema do *Agente Smith*⁴: mata um, cresce dois.

O fenômeno da napsterização instaurou um regime de reciprocidade inter-subjetivo e inter-maquinal. Todos computadores poderiam acessar a todos. O devir-colaborativo deixava de ser algo que só estava presente no *hacktivismo*, porque a novidade é que agora eram as bordas (o usuário comum) que estavam dispostas a cooperar. Era uma questão de participação, sim, era. Mas era muito mais: era uma questão de criação. E criação de tecnologias que permitia uma cooperação em que o indivíduo capturava muito mais que doava. Era "uma soma no zero", para usar a feliz expressão de Robert Wright.

A evolução da cooperação: a web 2.0

Com certeza, esse fenômeno da *napsterização* foi um dos eventos inaugurais do que hoje denominamos de *web 2.0*, fase em que se multiplica na Internet ambientes virtuais que são mantidos pela colaboração (baseada na participação de usuários comuns da rede). Esses ambientes traduziam uma mutação do *desktop* para a *web*. A tendência é cada vez mais a produção de informação ser realizada na própria internet. O computador só se tornaria a "máquina de acesso". Algumas das aplicações web 2.0 já estão bastante difundidas na cibercultura brasileira, como o *Youtube*, o *Orkut*, o *Gmail*, *Writely*, *My Space*, *Blogger* etc.

Essas tecnologias estão se popularizando em tal ordem que começaram a afetar as corporações da grande mídia. Para grande negócio de mídia, há um similar colaborativo bastante competitivo no mercado: no audiovisual, *Youtube*; no áudio: *Goear*; *Last FM*; no mercado de música: *Itunes*; no mercado de Livros: *Amazon*; no de Rádio: *Ipod*, *Podcasting*; no de Email: *Gmail*; no de Software: *Software Livre*; no de Imprensa: *Oh My News*, *Blogger*, *Wordpress*, *Indymedia*; no de Enciclopédia: *Wikipedia*; no de fotografia: *Flickr*; no de Telefonía: *Skype*; E-commerce: *Ebay*. Todos estes acabaram potencializando não só sua tecnologia, mas também o seu conceito. A lógica de *wiki* exemplifica muito bem o que eu quero dizer: *wikimap*, *wikicity*, *wikihistory*, *wikinews*, *wikiaudio*, *wikibook...wikispace* (*blog 2.0*).

Na arquitetura participativa dessas mídias colaborativas:

- são fornecidos mais serviços (*infoware*) do que produtos (*software*); a contribuição do usuário é encorajada;
- há um conjunto de mecanismos de inteligência coletiva (*folksonomy*, por exemplo) que possibilita ao usuário decidir o que é melhor para ele e para a sua rede social;
- o que é disponibilizado como conhecimento pode ser reutilizado, republicado ou mesmo remixado;

4 *Agente Smith*, personagem do filme *Matrix*, que se dissemina como vírus toda vez que é morto.

- há possibilidade de se criar uma customização do gosto e dos interesses, ou seja, o usuário vê o conteúdo que quer, do jeito que quer. É a lógica do *perfil do Orkut*; além de se fomentar a criação de comunidades em torno de conteúdos e de se gerar um *ethos* de propriedade comum do ambiente colaborativo.

O capitalismo cognitivo da web 2.0

Auto-organizada, flexível e participativa, a web 2.0, como expressão máxima da lógica p2p, portanto, é um movimento social que discute e transforma o fundamento das redes, levando a economia contemporânea a se estruturar à sua imagem e semelhança.

Uma primeira modificação que a colaboração rizomática produz é a mudança da noção de produto/serviço. Este se transforma em *versão beta permanente*. A cada novo verbete republicado no Wikipedia, a cada novo vídeo publicado no Youtube, a cada novo tópico aberto no Orkut, a cada post publicado no *Blogger*, a cada código de programação modificado em um *free software*, cada um desses produto/serviço se metamorfoseiam em um novo produto/serviço.

O tempo da inovação aqui é sincrônico ao tempo da colaboração. Todo um arsenal de informação gerada nesses ambientes são provenientes da própria vida dos usuários. É a experiência que é posta na produção: não é toa que o Orkut no Brasil se tornou um manancial de experimentações, de fluxos de desejo, de um saber difuso. É um fenômeno em que o sujeito produz sentido enquanto produz riqueza, pois é a sua linguagem que se torna capaz de auto-valorização coletiva. A valorização na economia p2p não repousa sobre um tempo objetivo da repetição, mas ela repousa sobre o tempo subjetivo (e inter-subjetivo) da criação. A economia p2p exemplifica bastante o que chamamos de capitalismo cognitivo. Por quê?

1. a prática p2p é produto de um trabalho reticulado e cooperativo.

Em questões gerais, esse trabalho de participação da construção de um conhecimento ou de uma tecnologia na rede revela-se como um *general intellect*. O valor reside na máxima socialização do conhecimento. A interface portanto entre saber e produção não se esgota na máquina, no hardware. Essa interface é dependente cada vez mais da interação entre os sujeitos sociais, particularmente, dos seus conhecimentos formais e informais, da imaginação, das intervenções estéticas, das ciências, enfim da experiência humana que se expressa em linguagens.

E todos esses conhecimentos excedem e antecedem o próprio produto, porque são oriundos de uma cooperação social, ou seja, de fluxos familiares, políticos, técnicos, íntimos, culturais, até de fluxos nano-relacionais... Por isso que o tempo da produção se torna elástico no capitalismo cognitivo, porque produzir conhecimento por meio de conhecimento significa a mobilização do que as relações humanas produzem. Tanto a empresa, quanto o trabalho, busca então capturar toda essa produção de subjetividade contemporânea.

Um nota é importante: o indivíduo que coopera não faz isto por motivos altruístas. Ele quer reconhecimento, pois sabe que é esse o capital que o torna mais produtivo e que o possibilita obter renda. É toda a sua capacidade de impregnar subjetividade no produto

que é valorizados nas redes de produção. Por isso, usa e abusa desses espaços da vida para aumentar os níveis da sua inteligência. Assim tanto o conceito de riqueza quanto de pobreza precisa ser mais ampliado, porque só o tempo-medida já não mais explicam totalmente esses conceitos. Essas são hipótese operaístas ou neo-operaísta que insistimos bastante.

2. a prática p2p não é uma coisa, é uma nova forma da mente. Representa um radical estado de mudança da subjetivação contemporânea.

O surgimento do conceito de rede social explica muito bem essa dimensão colaborativa do trabalho. Vou continuar usando exemplos *high tech*, embora poderia dar inúmeros de um outra forma de produção social. Quando você cria um perfil no Orkut, você compreende na carne o conceito de rede social. Porque quando você o cria, percebe que toda a sua ação e até a sua constituição identitária está articulada fora de uma certa subjetividade clássica, essa do eu, do consciente, do inconsciente etc⁵. Desse eu absolutamente soberano, isolado, de uma subjetividade-gênio. Você percebe que está e estará *linkado* a um conjunto de comunidades. O eu é comum, e o comum é múltiplo.

Guatari, quando argüido sobre esse novo mundo do capitalismo cognitivo, apontou que era um mundo muita maior do que a tipologia “sociedade da informação”, porque era muito mais que o trabalho sobre uma informação, mesmo admitindo que a informação já era a terceira dimensão da matéria (ao lado da massa e da energia). O trabalho sobre a informação revelava algo além, revelava uma nova subjetivação. E qual subjetividade estaríamos modificando? Aquela subjetividade do indivíduo único, construtor único da sua história, desse indivíduo projetado, carreirista. Estaríamos construindo uma subjetividade social. Negri, ao analisar a periodização histórica da constituição (*self making*) de classe na contemporaneidade, chamava essa subjetivação de operário social, depois do ser imaterial, e mais recentemente, de trabalho biopolítico.

Queremos afirmar com isso que o ser se constitui cada vez mais produzido por conta de ecologia lingüística cooperativa em torno dele (a capacidade inventiva, a capacidade científica, a capacidade política, a capacidade tecnológica, a capacidade imaginativa, a capacidade interativa, a capacidade de construção de redes de um certo tecido social). O que significa absolutamente a constitui não só a sua singularidade, mas as mercadorias, as relações, a cultura, enfim, a própria vida, o comum, como diz o filósofo italiano.

Essa capacidade cognitiva, que se expressa como linguagem, seria aquilo que dá direção para o momento físico do nosso trabalho. É por isso que, entre outras técnicas, o *brainstorm* se tornou um mecanismo largamente utilizado na produção dos bens, na organização de processos de trabalho, na estruturação de serviços etc. É essa chuva de idéias que ocorre entre os cérebros sociais que direciona como será o nosso esforço físico. E *brainstorm* é pura cooperação entre cérebros. Quando falamos desses dispositivos web 2.0 (expressão máxima, repito, da economia p2p), queremos afirmar que são produtos desse novo momento da subjetivação, que Marx, um século atrás, antecipou chamando de intelectualidade de massa (*general intellect*).

3. A prática p2p concebe um novo processo de produção-consumo: a cauda longa

E se o trabalho muda, muda o desenvolvimento. Um bom efeito dessa nova ontologia do ser imaterial é as novas relações entre consumo-produção. Não se estudaram a fundo a concepção de cauda longa (*long tail*), criado por Cris Anderson, escritor da *Wired*. Mas

⁵ Claro que essa nova forma de subjetivação vai produzir novas patologias psicológicas. A drogadição é uma delas.

seu conceito de *long tail* se aproxima muito do que convencionalmente teorizamos de “a circulação é produção”. A cauda longa trata-se de uma representação gráfica estatística que mostra que a procura elevada para um conjunto pequeno de produtos e procura muito reduzida para um conjunto elevado de produtos. A tese de Anderson é que, numa economia cada vez mais cognitiva, aqueles produtos que são objetos de uma demanda pequena podem ser coletivamente representar mercados igual ou superior aos *blockbuster*, *best-seller* etc.



Ele cita como exemplo, a Amazon, que mais de 50% de seu faturamento advém dos produtos que estão na cauda longa. É o mesmo caso do Wikipedia, um artigo que é postado por um usuário terá uma micro-audiência, mas se os artigos do Wikipedia são todos somados o site obtém uma elevada popularidade e socialização. É o comum se transforma em um bloco de antagonismo às formas tradicionais de produção. É o mesmo caso do Blogger, Wordpress etc. Cada blog criado tem nano-audiência, mas somados uma plataforma como Wordpress passa ter uma valorização que decorre da socialização que possibilita. Por isso que os blogs se tornaram maior ou tão maior que a visitação de grandes portais de corporações midiáticas. Unem-se as diferentes singularidades (a longa cauda) para potencializar o comum (que é o excedente contra a escassez).

Do ponto de vista econômico, vê-se, principalmente, nas redes, também uma novidade: o foco de vender poucos produtos de muito sucesso para vender poucos itens de muitos produtos diferentes. Essa novidade vem em função do que é a transformação participativa da internet, a *revolução do pronetariado*. Com cada vez mais acesso aos produtos, aos autores, aos conhecimentos, os usuários vão constituindo redes sociais múltiplas. Em cada uma delas, há interesses, gostos, estilos, que redundam em produtos, serviços, ícones etc com pouco escala, mas com muito escopo. O mercado livre (o *ebay*) esclarece bastante esse conceito, já que movimentava já bilhões de dólares. E mais de 800 mil vendedores sobrevivem graças ao Ebay, comercializando bens e artigos usados ou novos que estão na longa cauda. E ainda com um forte sistema de reputação, em que o comprador avalia o vendedor; e vice-versa. Não sei acompanharam a fala do cineasta George Lucas. Ele anunciou que estaria saindo do mercado de cinema *blockbuster*. Dizia

que com o custo para produzir e distribuir um *blockbuster*, ele fazia 50 filmes para ser exibido na Internet e para a TV, e teria a mesma audiência. É uma posta na cauda longa também.

O excesso produz a web 2.0, que produz mais excedente

O que vimos é que as comunidades colaborativas da Internet produz um excedente comum para o trabalho. Um amplo reservatório construído a partir da cooperação social. No excesso, sempre há uma informação que acrescenta à vida. Eu sinceramente acredito que a interface gráfica do trabalho imaterial é o excesso de informação. Essa interface que muitos dizem que é poluída, porque excessiva, pra mim, vejo uma força positiva, porque expressa exatamente como o trabalho no capitalismo cognitivo se constitui: como uma atividade que produz e é produzido pelo excesso.

Não sei se estão notando a mutação nas páginas dos jornais. Antigamente, a gente tinha que construir uma narrativa de interface “menos poluídas pelo excesso”. Aliás, a gente tinha que fazer jornalismo baseado no *gatekeeper*, porque o jornal, a revista, a tevê, não comportava todo tecido social. Não tinha espaço. Por isso o jornalismo desenvolveu critério transcendentais de representação, através do valor-notícia, da objetividade, da imparcialidade, da defesa da justiça, toda essa parafernália moral que está em rota de colisão hoje porque esse tecido social opina, comenta, participa, briga, patrulha, colabora, narra, documenta, noticia, enfim, todo esse *general intellect* está transformando as relações entre jornalista-leitor. De forma, que nós, jornalistas, estamos tendo uma dificuldade enorme de formar um discurso *consensuado* sobre o mundo, porque a multiplicidade de fontes escapa a agendinha do jornalista. A longa cauda produz num ritmo absolutamente frenético e sem *gatekeeper*, já que a filtragem é feito *à posteriori* e não *a anteriori*, a partir da lógica de “muitos olhos, poucos erros”. Por isso que, por um lado, há o *blockbuster* e a *grife* Mirian Leitão, e por um outro, a Caia, uma das principais formadoras de opinião da nossa lista da Universidade Nômade, que acaba até se sobrepondo a outras figuras que teriam, notadamente, o poder da produção do conhecimento, no caso, nós pesquisadores e intelectuais presentes na lista de discussão. O excesso, portanto, provoca novas singularidades.

Mas eu estava falando sobre as interfaces jornalísticas. Sobre suas mudanças. Agora as páginas dos jornais online primam pelo excesso, quanto mais informação melhor. É uma disputa por atenção. Queria falar que é uma disputa tão ferrenha, que o Google está priorizando, quando fazemos uma busca, apresentar resultados dessa *colabosfera comunista*. Não sei se repararam isto. Se procurarem algo sobre capitalismo cognitivo, as primeiras páginas lhe remetem para blogs, wikipedia, youtube etc. É para tirar a atenção dos grandes portais e ficar com a atenção para si (Google), que cada vez mais está ampliando a sua carteira de *top-minds*: *Blogger*, *Youtube*, *Gmail*, *Google Maps*, *Google Earth*, *Orkut*, e assim vai... Gerir a atenção e não mais a audiência é o que busca o *Google*. É o modo básico do capitalismo cognitivo, produzir valores intangíveis da logomarca e se tornar proprietário desse comunismo da atenção. O Google já sacou que o ideal é ser dono do comunismo da atenção, enquanto as corporações midiáticos estão ainda na era do conteúdo. O conteúdo precisa ser liberado para que se possa existir novas mídias colaborativas, que serão compradas pelo Google.

É claro que a perspectiva do excedente faz parte de um processo de autovalorização do trabalho. Não é alguma coisa que a empresa deseja, ao contrário, ele busca constituir novos encercamentos produtivos, delimitar o processo de difusão de linguagens, criar

“linguagens comandadas”. Talvez as lutas em torno da propriedade intelectual expressem a parte mais dramática da relação entre trabalho e empresa no capitalismo contemporâneo. O Google talvez seja a mais inteligente das pontas com’s nesse processo inteiro.

O copyleft: infra-estrutura legal da web 2.0

O movimento social que produz *web 2.0* é o mesmo que constitui uma nova forma de governo. Dirigido pelas redes sociais, a governança colaborativa se protege na forma de uma nova de preservação do conhecimento comum, através de um conjunto de licenças que permitem a reprodução, a *re-edição* (remix) até a comercialização, contudo, obriga a obra derivada a também ser comum e livre. A esse tipo de licença deu-se o nome de *copyleft*.⁶ O *copyleft* é a infra-estrutura legal que permite que o valor de uso não seja apropriado por uma dinâmica privada. E o mais interessante que o *copyleft* se dissemina de forma viral, por meio da possibilidade, por exemplo, de etiquetagem, como já acontece na blogosfera.

Antes de ser uma provocação ao *copyright*, o *copyleft* cria um verdadeira inovação pró-comum ao preservar a propriedade intelectual do produto (a singularidade) negando a propriedade do produto intelectual (a favor do comum).

Rumo a um comunismo da atenção

Em comum, essas tecnologias colaborativas catapultam o fordismo da informação, ou seja, o modelo do *mass media*, um ponto irradia informação para todos. Ou seja, o princípio *panóptico* da informação está a cada dia mais frágil e sem legitimidade. Os teóricos apontam que a colaboração em rede está produzindo uma passagem das era das mídias das massas. Ou para usar um termo mais próximo: da mídia de massa para as mídias da multidão. A revolta do *pronetariado* (révolte du pronétariat), a invenção da lógica do “nós, como mídia” (we, the media), o advento das multidões inteligentes (smart mobs), enfim, a nomenclatura é múltipla, mas o acontecimento é único: a mídia é construída a partir de uma subjetivação que se expressa como relacional, cooperativa, interativa e linguístico, enfim, cognitiva.

Veja o caso do Orkut, no Brasil. Transformou-se em uma das maiores mídias nacionais, a ponto de estar agora tirando audiência da Rede Globo. Por causa dele, o Brasil é o único país que sites de relacionamentos ganham do email como plataforma em que o usuário destina mais tempo de conexão. O que caracteriza o Orkut é o fato de o usuário produzi-lo ao mesmo tempo em que reproduz a própria vida. Vida e Produção se confundem porque são as redes sociais que são ativadas e postas a produzir. E não se trata de uma *second life*, algo de transcendental no terreno da subjetivação. Ao contrário, expressa essa vontade imensa de construir um novo território subjetivo para além do espetáculo. Porque a cooperação não é neutra (A que passa para B que passa para C, como era no fordismo), é sinérgica. O indivíduo não busca o seu benefício imediato, mas sua ação cria *bens comuns*.

Não é à toa que a lógica da audiência passiva é absolutamente solapada nesses

⁶ Há um amplo debate em torno da diferença do *copyleft* do mundo do software livre e do mundo *creative commons*. A primeira defende radicalmente que qualquer obra derivada seja livre, o que não acontece na licença *Creative Commons*. De qualquer forma, tanto um quanto outro são movimentos irmãos.

ambientes colaborativo, pelo o que eu acho de **o comunismo da atenção**. Quem tem audiência, no Orkut, é inundado por uma avalanche de *scraps* de todo o tipo (de propaganda a auto-propaganda). É o comunismo da atenção. Eu me lembro da situação calamitosa das eleições presidenciais deste ano. Duas senhoras travaram uma luta em um bar do Leblon. Claro, por ser no Leblon, é uma baixaria de alta classe. O motivo é absolutamente clichê: uma, vota no Alckmin. Outra, no Lula. O resultado da luta é que a psdbista arranca, com fortes medidas, um dos dedos da petista. Pois é... alguém descobre horas depois que a “senhora 45” tinha seu perfil disponível no Orkut. Nele ela recebe milhares de recados. Os primeiros são políticos, é claro. Mas depois, por ter muita visibilidade, outros sujeitos disputam o espaço, que se torna um misto de classificados virtual, parque de diversão e hospício pós-moderno. Se não bastasse é descoberto o perfil do marido, dos irmãos dessa senhora. E a história se repete. A multidão excede o espaço. É por essas e outras que a Internet foi decisiva nas eleições de 2006. As redes sociais nela abrigadas construíram uma multiplicidade de relatos capazes de acabar com o monopólio de informação da imprensa, que hoje já não sabe do que é capaz. Vai ter que se reestruturar e, é claro, que isto é muito perigoso para todos nós, já que abrimos um campo de lutas no terreno da linguagem.

Esse caso do Orkut demonstra algo mais estrutural: o que se espetaculariza na mídia de massa é sempre objeto de captura subversiva nas mídias das massas. Contra o paradigma da audiência, surge o da nano-atenção. Contra a raridade anunciativa, a política do excesso. Contra a lógica do do publisher (autoral proprietária), a das diferenças (autoral commons). Contra a pauta, a atualização contínua e os relatos-intersubjetivo e interrelacionados pela linkagem das redes. Todas essas histórias revelam, sobretudo, uma política de comunicação das bordas. Uma comunicação que não se revela apenas como produção de sentido, mas como produção de riqueza que tem como base esse *devoir-periferia*. Todos esses fenômenos, ao meu ver, demonstram que estamos a viver os primeiros anos do adeus à forma como se processa a mídia de massa. E isto não pode ser lido somente por conta das inovações tecnológicas. Isto nada tem haver com os bens de capital. Não é uma demonstração de um ciclo de Kondratieff. É uma “revolução da inteligência” que atravessa e ultrapassa a economia industrial. Essa produção midiática colaborativa, esses micro-meios, traduzem muito bem como é constituído os modos de valorização do trabalho no do capitalismo cognitivo.

Acredito que o *paradigma p2p* reforça então aquilo que temos apontado já há muito tempo, analisando as formas pós-fordistas de produção: perdeu-se toda importância a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo; entre produção e circulação; trabalho simples e trabalho socialmente necessário. Como diz Toni Negri, o trabalho produtivo já não é de fato <o que produz diretamente capital>, mas sim o que reproduz o social; desse ponto de vista, a separação do trabalho produtivo resulta completamente ultrapassada. É preciso revelar que a produção vai sendo cada vez mais subsumida na circulação e vice-versa. Claro que, do ponto de vista do poder, esse progresso do p2p se trata de um atraso, porque quanto mais forte é a inovação mais forte são as forças antagonistas de nós, proletários, que as determinaram, e obviamente mais extrema será a força do capital para dominá-las. Quanto mais complexidade o trabalho possui, maior a precariedade do regime que o busca dominá-lo. Essa parecer ser já uma premissa, e não mais uma hipótese.